

R E V I S T A D E
ARQUEOLOGIA

ASSEMBLEIA DISTRITAL DE LISBOA 1990



NESTE NÚMERO

Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra) • A investigação arqueológica no concelho do Cadaval • A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) — 1.ª Parte • Algumas obras de restauro e consolidação no castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) • Cascais no tempo dos romanos • Escavações Arqueológicas da Assembleia Distrital de Lisboa — Escavação arqueológica no Salvador (Sobral de Monte Agraço)

Cascais no tempo dos Romanos

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

NOTA PRÉVIA

Este texto foi o catálogo da exposição «Cascais no Tempo dos Romanos» que, em Agosto de 1986, esteve patente ao público no Palácio da Cidadela, em Cascais, organizada sob o patrocínio da Câmara Municipal e do Instituto Português do Património Cultural, montada pela Divisão de Artes Criativas e Montagem da Secretaria de Estado da Cultura. No entanto, a circunstância de o termos concebido como síntese do que se conhece acerca dos vestígios da ocupação romana no concelho levou-nos a aceitar o convite que, da parte da Assembleia Distrital de Lisboa, nos foi dirigido para o incluirmos neste primeiro número da sua revista arqueológica.

Fazemo-lo de muito bom grado, pois assim terá ainda maior divulgação. Apenas lhe retirámos os números que remetiam para as peças expostas e introduzimos, aqui e além, os novos dados que as campanhas de 1986 e 1987 na *villa* romana de Freiria nos vieram trazer. Esta *villa* arrisca-se, de facto, a ser, neste momento, o mais importante vestígio romano de Cascais, quer pelo bom estado de conservação das ruínas quer pelo interesse científico dos achados.

Privilegiámos, nestes dois anos, a informação à população, numa colaboração — que reputamos indispensável — com as juntas de freguesia. Assim, tendo formado a Associação Cultural de Cascais, demos à estampa três desdobráveis didácticos: o primeiro precisamente sobre Freiria, patrocinado pela Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana; o segundo, sobre o povoado romano dos Casais Velhos, patrocinado pela Junta de Freguesia de Cascais; o terceiro, com o patrocínio da Junta de Freguesia de Alcabideche, sobre o Alto do Cidreira (de que ultimamos, para publicação na revista «Conimbriga», o relatório das sondagens aí realizadas).

Inserimos no final, por ordem cronológica, a bibliografia. Desejamo-la exaustiva, incluindo as

notas publicadas na imprensa a propósito da actividade aqui desenvolvida.

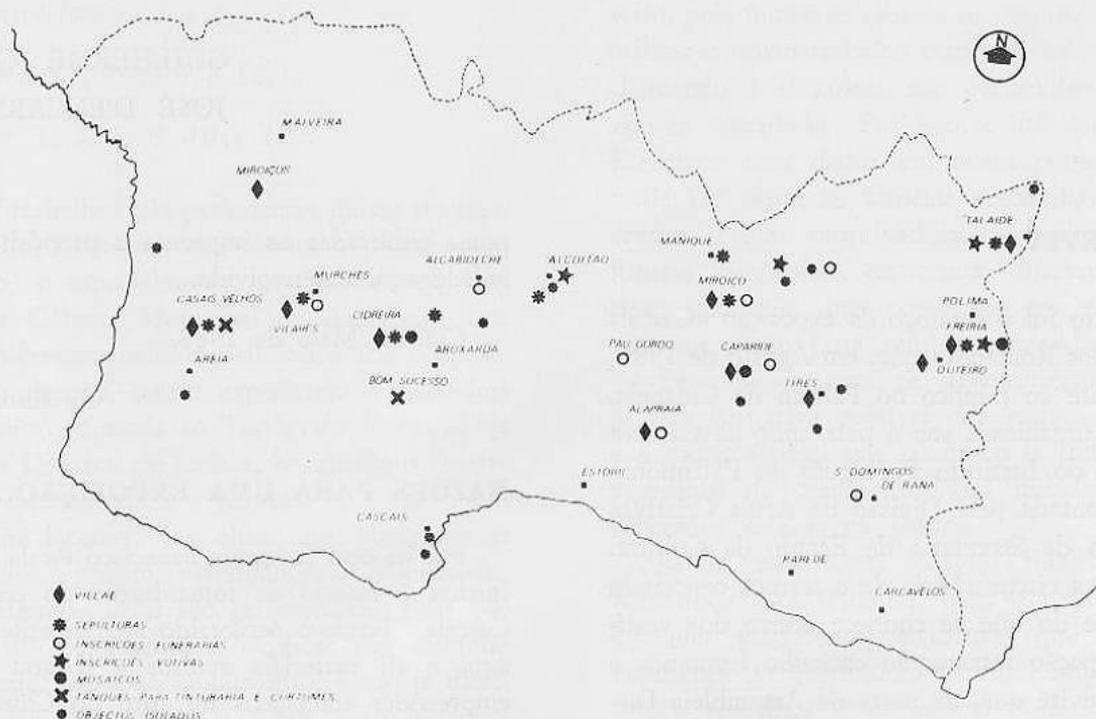
Cascais, Maio de 1988.

Os autores

RAZÕES PARA UMA EXPOSIÇÃO...

Foi há cem anos que Francisco Paula e Oliveira iniciou o estudo da romanização do concelho de Cascais. Tendo-o percorrido atentamente, recolheu aqui e ali materiais avulsos e chegou mesmo a empreender sondagens no Alto do Cidreira e em diversas necrópoles datáveis do Baixo Império e, mesmo, do período visigótico — em Alcoitão, Abuxarda, Murches. Desses trabalhos deixou algumas notas que viriam a ser publicadas postumamente no tomo II (pp. 82-108) das «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos» (Lisboa, 1888-1892).

De então para cá, outros arqueólogos — como José Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, Vergílio Correia e, mais recentemente, Fausto Amaral de Figueiredo, Afonso do Paço, Octávio da Veiga Ferreira, D. António de Castelo Branco e nós próprios — deram a conhecer outros vestígios, identificaram os que Paula e Oliveira referira, fizeram, inclusive, mais sondagens. Conhece-se hoje — podemos dizê-lo — a quase totalidade dos sítios arqueológicos romanos do concelho; não houve, ainda, porém, tempo para reflexão aprofundada que, aliás, só pensamos viável depois de gizada uma política cultural que preveja, primeiro, a intransigente salvaguarda do património subsistente e, em segundo lugar, escavações sistemáticas em áreas de maior interesse. Nada disso ainda foi feito e, de há dez anos a esta parte, a nossa actuação tem-se confinado a alertar para destruições iminentes e a realizar sondagens onde era preciso, com urgência, caracterizar e delimitar antes que a construção clandestina viesse irremediavelmente destruir. Isso fizemos no Alto do Cidreira e, agora, em Freiria.



Esta exposição não visa, pois, caracterizar a romanização do concelho de Cascais ou dar respostas organizadas aos problemas que, no contexto peninsular, ela levanta. Não. Pretendemos apenas mostrar, com a modéstia dos meios de que dispomos, os dados já obtidos, os enigmas suscitados, o interesse (enfim) que julgamos ter este tipo de investigação para melhor preservarmos a nossa identidade e um património que, segundo cremos, há que mostrar tão intacto quanto possível àqueles que vierem visitar-nos.

Finalmente, queremos chamar a atenção para a necessidade de toda esta riqueza cultural precisar de ser posta, urgentemente, ao dispor do público. Falta, em Cascais, uma exposição permanente que abranja a totalidade das épocas arqueológicas, da Pré-História ao período medieval. Lacuna imperdoável que urge colmatar.

A INVESTIGAÇÃO

Paula e Oliveira apresentou, como dissemos, a primeira enumeração dos vestígios da época romana que detectou (art. cit., pp. 85-92) em Manique de Baixo, Alapraia, Bicesse, Alcoitão, Casal do Geraldo, Abuxarda, Murches e Espigão das Ruivas — seguindo, pois, um percurso de oriente para ocidente,

demorando-se na análise das necrópoles a fim de, mediante o estudo dos restos ósseos, concluir pela origem gaulesa dos habitantes.

Em 1915 e 1917, Félix Alves Pereira retomou alguns dos elementos descritos por Paula e Oliveira e acrescentou outros. Disso deu conta em notas várias que, sob o título ANTIQVITVS, publicou no «Diário de Notícias», reproduzidas depois, no todo ou em parte, no jornal local «A Nossa Terra» e n.º «O Arqueólogo Português».

Seguiu-se um período em que apenas vestígios pontuais, designadamente epigráficos, foram objecto de notícia e de alguma análise, em revistas da especialidade. Exceptuar-se-á a campanha de escavações levada a efeito nos Casais Velhos, em 1945, por iniciativa da Junta de Turismo de Cascais, sob a presidência de Fausto José Amaral de Figueiredo, com a colaboração de Afonso do Paço — que dela apresentaram circunstanciado relatório no I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Almeria (Espanha) em Abril de 1949. Trabalhos que — agora por iniciativa camarária — D. António de Castelo Branco e Octávio da Veiga Ferreira retomaram, em pequenos períodos, nos anos de 1968, 1970 e 1971, e de que deram conta no Boletim n.º 2 do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães.

A nossa actividade — iniciada exactamente nos primórdios da década de 70 — visou dois objectivos: Guilherme Cardoso percorreu demorada e atentamente o interior do concelho, a fim de localizar o que ainda restasse dos vestígios apontados pelos investigadores precedentes; e disso foi dando assídua informação, designadamente em notas que vem inserindo no «Jornal da Costa do Sol». José d'Encarnação interessou-se, de modo particular, pelos vestígios epigráficos, que (re)estudou. Nos últimos seis anos, forçados pelas circunstâncias, intervimos em Talaíde, no Alto do Cidreira e em Freiria (fig. 1).

Há já algumas possibilidades de síntese histórica — mas, de momento, a prioridade absoluta deve ser a da preservação daquilo que a desenfreada ânsia de urbanização a custo ainda deixa intacto.

A POPULAÇÃO ROMANA DE CASCAIS

Criada por César, anteriormente a 27 a. C., a cidade de Lisboa, com o nome de FELICITAS IVLIA OLISIPO, cedo elevada à categoria de município, todo o seu termo, onde Cascais se inclui, depressa foi romanizado.

E a primeira questão que se nos põe é a de saber qual a proveniência étnica das gentes que habitaram Cascais no tempo dos Romanos.

Estudando as características antropológicas dos esqueletos que recolheu nas necrópoles, Paula e Oliveira concluíra pela sua estirpe céltica e, mais propriamente, gaulesa. Daqui se inferia que os Romanos vieram encontrar um estrato populacional fortemente ligado — a atender às suas características morfológicas — à população céltica da Gália. Ora sucede que dispomos hoje de outros elementos complementares de análise: os objectos de uso comum exumados nas escavações e os monumentos epigráficos. Dos primeiros não há, ainda, número significativo que permita conclusões; mas os segundos dão preciosos informes, uma vez que neles se refere a antroponímia usada pela população.

Assim, os nomes de família documentados sugerem três proveniências: uns, como CORANIVS, CVRIATIVS, LOREIVS, VALGIVS, apontam de preferência para uma origem extrapeninsular, quicá itálica; outros, como CASSIVS e SERVILIVS, relacionar-se-ão com importantes famílias radicadas na própria cidade de Olísipo; finalmente, IVLIVS, IVNIVS, MARIVS são gentilícios frequentes para identificar sectores populacionais indígenas que ascenderam à cidadania. De resto, saliente-se, boa

parte dos documentos epigráficos de que dispomos situa-se no século I da nossa era e os cidadãos neles atestados pertencem justamente à tribo Gália, de Olísipo.

Contudo — e este é o segundo ponto interessante a focar, na sequência das análises antropológicas de Paula e Oliveira — há cognomes que denunciam precisamente uma etimologia céltica. Referimo-nos, por exemplo, a ARANTA, a TANGINVS, a AVVVS, a SVNVA.

Cresce de ano para ano — atingindo actualmente (1986) cerca de duas dezenas — o número de inscrições (funerárias e votivas) atribuídas à população romana de Cascais. Sintoma da grande vitalidade então existente e índice, por outro lado, de notável densidade populacional. Aliás, como gentilmente nos comunicou Maria Augusta Rocha, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, «as exumações feitas por Paula e Oliveira, nos fins do século XIX, puseram a descoberto sepulturas tardorromanas contendo esqueletos não só de homens e mulheres adultos, mas também de adolescentes e de algumas crianças, num total de cerca de noventa indivíduos.

Cada sepultura continha mais do que um esqueleto, indicando, assim, enterramentos sucessivos e, talvez, cada uma delas funcionasse como um jazigo actual — até depois da morte se tentavam juntar os familiares.

As características destas populações, após estudos feitos por vários autores, levam-nos a supor a região habitada por homens de estatura média, rondando 1,68 m, e por mulheres com cerca de 1,57 m de altura. Apresentavam cabeça alongada (dolicocefala) e nariz estreito ou médio.

Comparativamente com a esperança de vida da população actual, nessa época morria-se em média mais cedo, sendo, porém, mais longa a vida média dos homens do que a das mulheres».

UM EPITÁFIO DO SÉCULO I

A título de exemplo, apresentamos um dos epitáfios aqui encontrados (fig. 2). Identificou-o Félix Alves Pereira na localidade de Alapraia (freguesia do Estoril). Pertence ao espólio do Museu do Conde de Castro Guimarães e diz o seguinte:

Q. MARIVS
F. GAL.TAN
NVS.IVLIA.M.
ARANTA.H.S



Desdobrando as siglas e as abreviaturas, o texto em latim corrente seria:

Q(uitus). MARIVS. [Q(uiti)?] / F(ilius).
GAL(eria tribu). TAN[GI]/NVS. IVLIA. M(arci).
F(ilia) / ARANTA. H(ic). S(iti). [S(unt)].

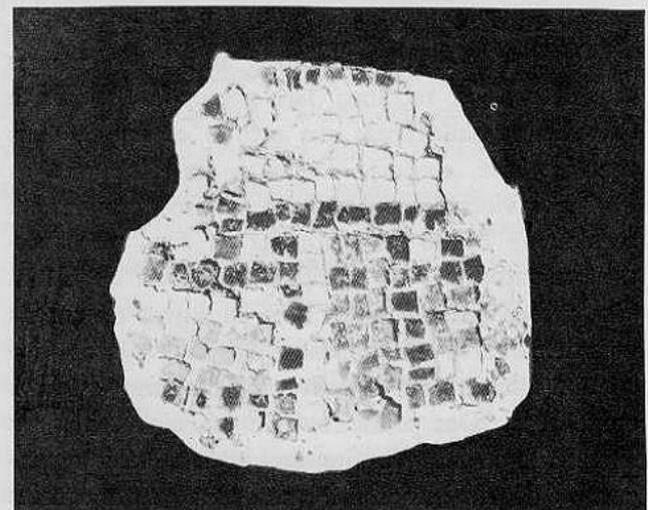
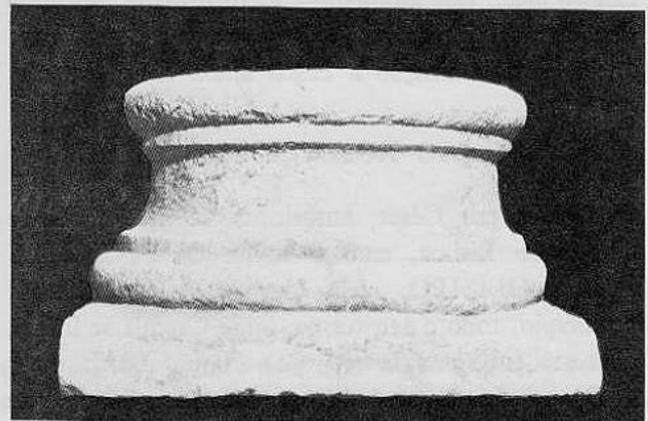
que, vertido para português, significa:

Aqui jazem Quinto Mário Tangino, filho de Quinto(?), da tribo Galéria, e Júlia Aranta, filha de Marcos.

Como facilmente se depreenderá pela tradução, um simples epitáfio de quatro linhas, mandado gravar por alguém — que, modestamente, se remeteu ao anonimato — é bem esclarecedor, sobretudo se for analisado em conjunto com outros da mesma época a fornecer informações complementares.

A CASA ROMANA

Quase só a nível de alicerces e de pavimentos ou ainda com algumas paredes — são as casas os vestígios mais frequentes da presença romana entre nós. Claro que das casas modestas, feitas em madeira, nada nos resta. Temos, porém, no concelho de Cascais, vestígios de habitações senhoriais im-



plantadas em *villæ*, cujas dependências se dispunham em torno de um pátio central ajardinado. As campanhas de 1985 e 1986 revelaram, em Freiria, a maior parte desse pátio, com bases das colunas em mármore ainda no seu lugar primitivo (fig. 4); o capitel de uma delas estava perto, de modo que foi possível reconstruir o tamanho original do fuste. De Outeiro de Polima procedem vários tijolos de quadrante que serviam para construir outro tipo de coluna.

Abundam os materiais de construção: as telhas planas e largas (*tegulae*) e as telhas de canudo (*imbrices*) que as complementavam para cobrir os telhados; os tijolos — paralelepípedicos (para as paredes), de quadrante (para as colunas), refractários (para revestimento do hipocausto).

Houve pedreiras de mármore em Porto Covo — que foi utilizado, por exemplo, no Alto do Cidreira — e na Torre da Aguilha (S. Domingos de Rana) — com este se fizeram arcos e colunas.

O chão era pavimentado com uma argamassa especial, em cuja composição entra sobretudo tijolo e ânforas moídas que encontramos amontoados numa das dependências da *domus* de Freiria e a que os Romanos davam o nome de *opus signinum*. Por vezes, nas casas mais abastadas, o pavimento era de mosaico a preto e branco ou a cores (fig. 5), cujas tesselas formavam desenhos geométricos ou, mesmo, representações figuradas, relativas frequentemente a temas mitológicos. Neste aspecto, a *villa* do Alto do Cidreira é importante: nela havia, decerto, abundantes mosaicos com decoração geométrica e figurativa, a preto e branco e a cores, como no-lo prova a grande quantidade de tesselas encontradas, de tamanhos variados, e um ou outro pequeno fragmento de mosaico que conseguimos recuperar inteiro. Em Freiria encontramos mosaico, também geométrico e policromo, ainda *in situ*.

O *opus signinum* usava-se também para reboçar as paredes que amiúde eram revestidas por estuque pintado. Encontramos alguns fragmentos em Freiria.

Utilizaram os Romanos aperfeiçoado sistema de canalização não só para o abastecimento doméstico como para drenagem de esgotos e de águas pluviais. Na *villa* do Alto do Cidreira ainda detectamos um trecho dessa canalização pluvial em bom estado de conservação.

Finalmente, uma curiosidade: no Alto do Cidreira encontramos um fragmento de vidro, que reputamos de origem romana e que teria servido para uma janela.

A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO

As necessidades quotidianas obrigam ao fabrico de objectos de uso corrente.

Estão neste caso os vasos cerâmicos — de que em Cascais se encontraram muitos exemplares (al-

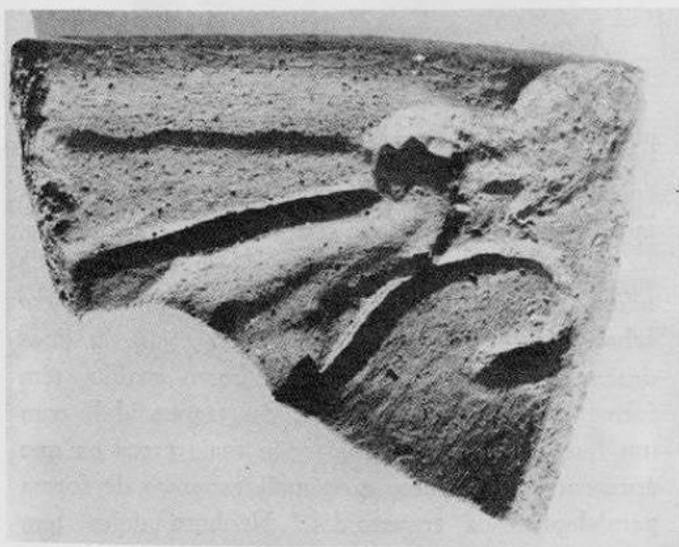
guns deles importados) — os panos e os artefactos de metal.

A cerâmica

Vários foram os tipos de pastas e de objectos cerâmicos usados pela população romana de Cascais, como Jeannette Nolen teve ocasião de demonstrar (1982, 10-18).

A cerâmica dita *comum*, porque usada habitualmente no dia-a-dia, de pasta e confecção menos cuidadas, é a mais abundantemente encontrada durante os trabalhos arqueológicos. Raro se apanha inteira, a não ser nas sepulturas onde os vasos eram colocados com finalidades rituais, mas o achamento de bordos, de bases ou de fragmentos significativos permite a reconstituição da forma e do tamanho iniciais do objecto. De um modo geral, a cerâmica comum tem fabrico regional, embora as formas e os tamanhos possam revelar características comuns a várias épocas e regiões. O molde com representação de um leão que identificámos em Freiria poderá ser mais uma prova desse fabrico regional (fig. 6), inclusive de cerâmicas mais requintadas.

Mais importante do ponto de vista histórico é a chamada *terra sigillata*, designação que lhe advém do facto de ser costume o oleiro marcá-la com o seu sinete (*sigillum*). Trata-se de uma cerâmica fina, produzida em centros especializados da Península Itálica (*terra sigillata* itálica), do Sul da França (*terra sigillata* sudgálica) e mesmo da Península Ibérica (*terra sigillata* hispânica) — onde se procuraram, inclusivamente, imitar as formas de maior êxito comercial. Hoje, os especialistas conseguem determinar a proveniência e a datação da



quase totalidade das peças — daí, a importância da *terra sigillata* no estabelecimento de cronologias e das correntes comerciais.

Mais delicada ainda, usada quase exclusivamente para o fabrico de taças e copos, é a chamada cerâmica de *paredes finas*, que se importou de Espanha durante a segunda metade do século I e princípios do século II.

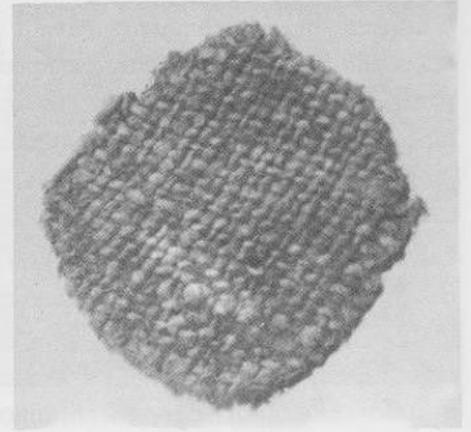
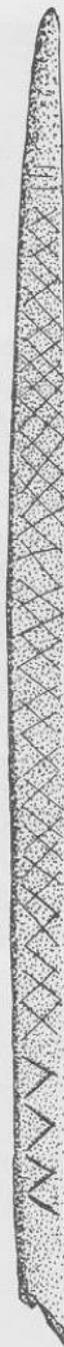
Para a iluminação, usaram os Romanos pequenas lamparinas de barro, as *lucernas*. Tinham bojo para depósito do combustível, onde mergulhava a torcida que saía pelo bico; pegava-se-lhes pela asa circular; na parte superior do disco havia, por vezes, decoração alusiva a cenas mitológicas ou a flagrantes da vida real. A forma, o tamanho e os motivos decorativos variavam consoante as épocas.

É frequente o achamento de pedaços de ânforas. De base plana ou em bico, as ânforas constituem a primeira tara perdida que a humanidade concebeu. Fabricadas aos milhões, eram uma espécie de bilha de duas asas destinada a transportar quase de tudo, de modo especial líquidos (vinho, azeite) ou outros produtos alimentares (pasta de peixe por exemplo). Por vezes, ostentam na asa o nome do fabricante, e podem inclusive ter esgravada no bojo a indicação do seu conteúdo. A forma e o tamanho variam de época para época e estão adequados ao fim a que se destinam. Tal como a *terra sigillata*, as ânforas possibilitam, por conseguinte, o estabelecimento da cronologia da ocupação de um sítio e as relações comerciais dos seus habitantes. A escassez de fragmentos encontrados nas *villæ* de Cascais deve-se ao facto de, após a sua utilização como vasilha, a ânfora ser britada para com ela se fazer o *opus signinum*.

A tecelagem

Foi uma das actividades a que, seguramente, bastante se dedicaram os habitantes de Cascais na época romana, se atendermos à abundância e, nomeadamente, à qualidade dos vestígios encontrados.

Particularmente significativa, neste aspecto, é a *villa* de Outeiro de Polima, donde, somente em achados superficiais, se recolheram mais de duas dezenas de pesos de tear. De barro cozido, têm forma espalmada rectangular ou trapezoidal, com um buraco para suspensão; são mais raros os que apresentam dois furos e os mais espessos de forma paralelepípedica trapezoidal. Nenhum deles tem



8



9

7

marca de fabricante. Do Alto do Cidreira há agulhas em osso polido, decoradas junto ao furo com um pequeno círculo e ponto central; um separador de tear (fig. 7), em osso também, trabalhado e bem polido pelo uso; e diversos botões, um semelhante a um «agrafo», outro com incrustação de madre-pérola. Em Freiria achámos também inúmeras agulhas, de osso e de bronze.

O povoado dos Casais Velhos forneceu, por seu turno, uma agulha de bronze e, por feliz coincidência, um pedaço de tecido (fig. 8) que a oxidação da moeda guardada no bolso não deixou deteriorar-se.

Vestígio igualmente da actividade têxtil são os cossoiros, pequenos discos cónicos, furados ao cen-

tro, de cerâmica ou metal, que se colocavam na extremidade inferior do fuso.

Os tanques e as «cubas» achados, respectivamente, no Bom Sucesso (perto de Alvide) e nos Casais Velhos poderão ter servido inclusive para tinturaria, quiçá mediante a utilização da cochonilha, de cuja exportação daqui, em épocas posteriores, encontrámos provas documentais.

A actividade marítima

Região onde a vida se partilharia, obviamente, entre a terra e o mar, não poderiam faltar indícios de que a actividade marítima também fora importante ao tempo dos Romanos.

Encontrámos no Alto do Cidreira um anzol de bronze (fig. 9); daí e da baixa da vila de Cascais procedem pesos de rede — são sinais de que a pesca se praticava naquele tempo. Assim como a recolha de mariscos: quer se trate de múrex de que, nos Casais Velhos, pela sua abundância, se poderia ter feito um aproveitamento «industrial», quer das ostras de que a *villa* do Alto do Cidreira forneceu inúmeras conchas.

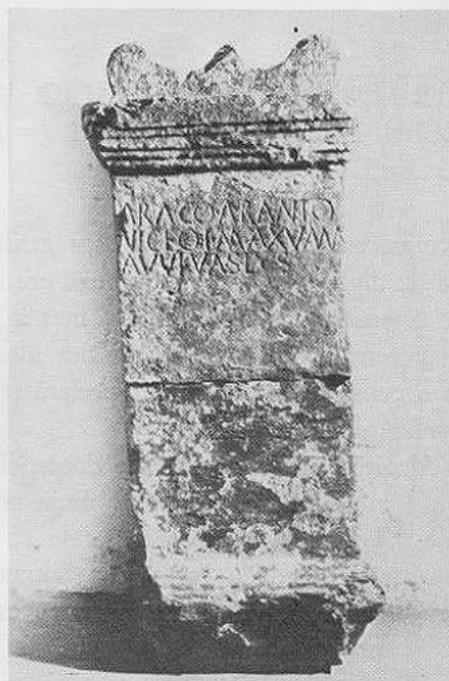
Pelo mar se desenrolava — ontem como hoje — importante actividade comercial, simbolizada nas ânforas, adequadas ao transporte por via marítima.

OS CULTOS

Gente da terra e do mar, os Romanos sentiam no dia-a-dia a força das divindades. E aqui — como noutras paragens — acolheram e respeitaram os arraigados cultos prestados pela população a divindades pré-romanas.

Nesse número se inclui o deus *Aracus Arantus Niceus*, a quem Júlia Máxima, filha de um indígena de nome Auvo, mandou levantar uma ara de certa imponência encontrada em Carrascal de Manique, em sítio de vetusta tradição religiosa que vem até aos nossos dias (fig. 10).

Em Talaíde existiu também, nos inícios da era cristã, importante santuário dedicado a uma deusa de nome desconhecido. Sabe-se que teria culto organizado porque dois dos seus sacerdotes (*magistri*), Augus e Hermes, lhe ofereceram um altar em preito de devoção (fig. 11).



10



11

Ainda na área rural do concelho, mais propriamente em Freiria, descobrimos, em Agosto de 1985, no decorrer das escavações aí efectuadas, mais um altar dedicado a outra divindade (fig. 12). Fora reutilizado como material de construção, mas a sua inscrição latina está intacta:

TRIBORVNNI
T. CVRIATIVS.
RVFINVS.
L. A. D.

Ou seja:

A TRIBORUNIS. T. CURIÁCIO RUFINO
OFERECEU DE BOA VONTADE (= LIBENS
ANIMO DEDIT).

Desconhecemos, por enquanto, os atributos específicos da divindade — se é que não era invocada somente como divindade tutelar — mas a proximidade de perene nascente que alimenta uma ribeira leva-nos a pensar que Triborunis poderá ter estado ligada ao culto das águas.

Em Alcoitão, mas proveniente doutro local, foi achada a parte final de um texto, hoje no Museu do Conde de Castro Guimarães, onde se alude a uma reparação mandada fazer por Súnua e pela sua mãe. Trata-se, decerto, de um acto expiatório

de índole religiosa, cujo contexto no entanto se desconhece, datável do século I (fig. 13).

As crenças religiosas se deverão também ligar, decerto, as minimáscaras de terracota. Conhecemos uma, de negro, proveniente do Alto do Cidreira (fig. 14) e que tem particular interesse do ponto de vista cultural; e duas cabeças femininas, achadas em Freiria (fig. 15).

Do culto aos mortos nos falam os diversos epítáfios identificados no território do concelho. Alguns perderam-se mas a maior parte está guardada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e no Museu do Conde de Castro Guimarães. O seu conteúdo é mais ou menos uniforme, com ou sem consagração aos deuses Manes, meio de que os Romanos lançavam mão para acentuarem o carácter



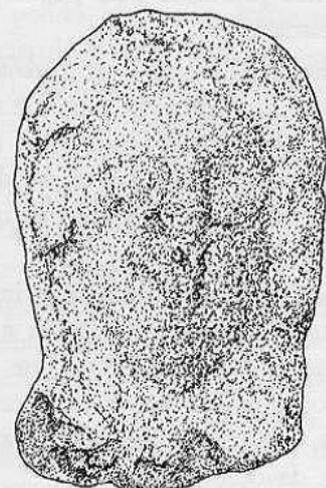
13



14



14



15

sagrado do sepulcro, esconjurando qualquer tentativa de violação. Sirva-nos como exemplo, apesar de incompleto, o epitáfio de Vitório Vítor:

ITORIVS.G
L VICTOR.H
LIA GF AM
ENA A.S.F.C

que significa, completando:

[G(aius)?] [V]ITORIVS. G(aii) [F(ilius)]
[GA]L(eria tribu) VICTOR. H(ic). [S(itus) E(st)]
[IV]LIA G(aii) F(ilia) AM[O]
ENA A. S(e). F(aciendum). C(uravit)

e em português:

AQUI JAZ GAIO (?) VITÓRIO VÍTOR,
FILHO DE GAIO, DA TRIBO GALÉRIA.
JÚLIA AMENA, FILHA DE GAIO, MANDOU
FAZER POR SUA INICIATIVA.

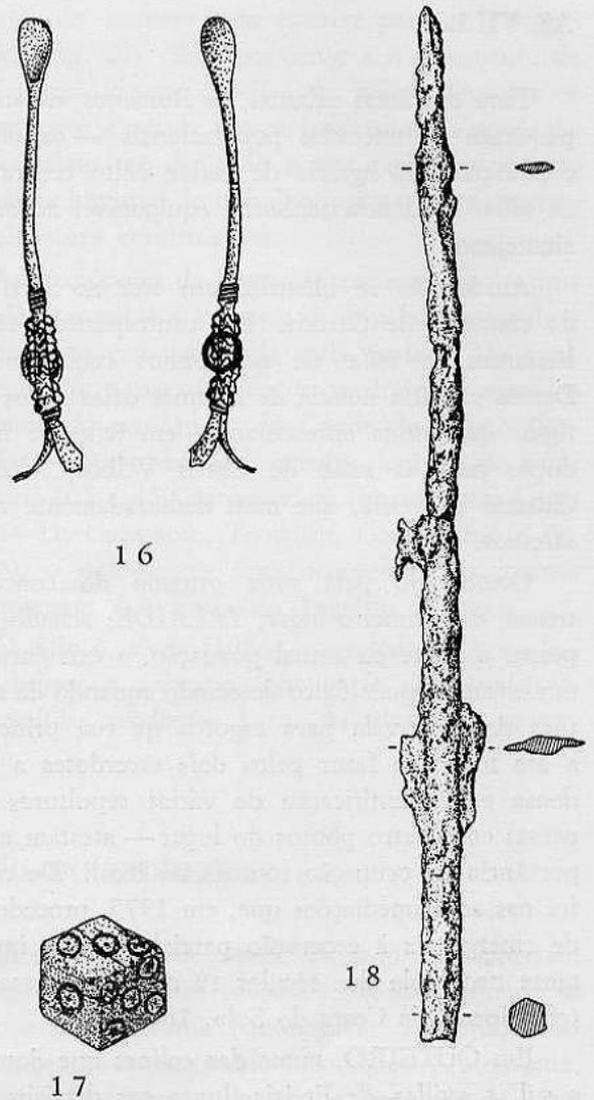
O desejo de perpetuar uma memória. A vida para além da vida.

A VIDA QUOTIDIANA

Os objectos que, por acaso ou mercê de pesquisa sistemática, os arqueólogos vão encontrando, dão preciosas informações acerca do modo de vida das populações que os utilizam. A sua correcta identificação e integração histórica exigem análise cuidada de todos os pormenores.

As moedas, por exemplo, revestem-se de particular importância. Não tanto pelo seu valor real — a maior parte delas estão já bastante deterioradas, com os símbolos meio desaparecidos — mas sobretudo porque permitem datar um sítio arqueológico, uma vez que trazem habitualmente o nome e títulos do imperador que as mandou cunhar. É por isso também que importa conhecer todas as moedas encontradas numa estação arqueológica: só a sua análise conjunta permitirá, correlacionando com os demais achados, dar uma ideia mais exacta do período em que determinado sítio teve ocupação humana.

Os objectos de adorno, eminentemente relacionados com a beleza feminina, veiculam também



informações acerca do estatuto sócio-económico da população. Exemplificamos com achados provenientes do território cascaense: uma pedra de anel(?) castanho-clara; uma lígula (fig. 16), colherinha para manuseio de cosméticos; pequenos fragmentos de um espelho de bronze; alfinetes de osso.

Os tempos livres eram ocupados em jogos, como hoje. Das escavações realizadas no concelho de Cascais procedem as duas peças que apresentamos: o fragmento de uma «pedra» de jogo de damas feita de cerâmica, achado em Freiria, e um pequeno dado de osso, marcado, encontrado no Alto do Cidreira e que constitui peça não muito frequente (fig. 17).

População trabalhadora e pacífica, não lhe competia a defesa do território. Daí a ausência de restos de armamento, aliás também facilmente deterioráveis. Temos, apesar disso, uma ponta de lança, de ferro, proveniente de Manique (fig. 18).

AS VILLÆ

Fora das áreas urbanas, os Romanos viviam em pequenos aglomerados populacionais — os *vici* — e a exploração agrária de maior vulto centrava-se na *villa*, residência senhorial equiparável ao *monte* alentejano.

Ainda não se identificaram *vici* no território do concelho de Cascais. Em contrapartida, são já bastantes as *villæ* de que temos conhecimento. Demos sumária notícia de algumas delas e dos vestígios que ainda apresentam — em jeito de introdução para as *villæ* de Casais Velhos, Alto do Cidreira e Freiria, que mais demoradamente analisaremos.

Começando pela zona oriental do concelho, temos, em primeiro lugar, TALAÍDE: achados dispersos a norte da actual povoação, a existência de um estrato arqueológico detectado aquando da abertura de uma vala para esgotos na rua principal, a ara mandada fazer pelos dois sacerdotes a uma deusa e a identificação de várias sepulturas dispersas em quatro pontos do lugar — atestam a importância da ocupação romana no local. De resto, foi nas suas imediações que, em 1975, procedemos de emergência à escavação parcial de uma importante necrópole dos séculos IV ou V da nossa era (cf. «Jornal da Costa do Sol», 16-8-1975).

Em OUTEIRO, numa das colinas que domina, a sul, a «villa» de Freiria, junto aos depósitos de água, o chão está juncado de cerâmica romana. Daí procedem, como dissemos, em meras recolhas superficiais, mais de duas dezenas de pesos de tear e treze tijolos de coluna.

Sob o casario a nascente do lugar de TIRES devem existir os restos de mais uma «villa» romana, como no-lo documentam os materiais de construção aí detectados e um fragmento de *terra sigillata* com decoração.

Em CAPARIDE, quer devido à origem romana do topónimo (de *capparis*, alcaparra, donde *capparitus*, lugar abundante em alcaparras) quer por causa dos vários epitáfios aí encontrados, deve ter sido intensa a ocupação romana. Há vestígios junto da antiga fonte. O presumível achado de tesselas na povoação não pôde ainda ser confirmado.

A cerca de 1 km a sul de Manique de Baixo, no sítio denominado MIROIÇO, os vestígios superficiais abarcam uma extensão de dois hectares — seria, porventura, a maior *villa* do concelho, hoje praticamente destruída.

Como F. Paula e Oliveira pôde observar (art. cit., p. 86), a leste de ALAPRAIA, mais propriamente na Quinta da Bela Vista, detectaram-se «alicerces de edifícios, velhos muros em parte derrubados, fragmentos de tijolos, de telhas», o que aponta para a existência de uma *villa*. As constantes urbanizações a que o local foi sujeito destruíram todo e qualquer vestígio ainda subsistente.

Na propriedade conhecida pela designação de VILARES, na Aldeia de Juso, pudemos confirmar a informação dada por F. Paula e Oliveira (art. cit., p. 91): abundam no terreno os restos de cerâmica e de materiais de construção datáveis da época romana.

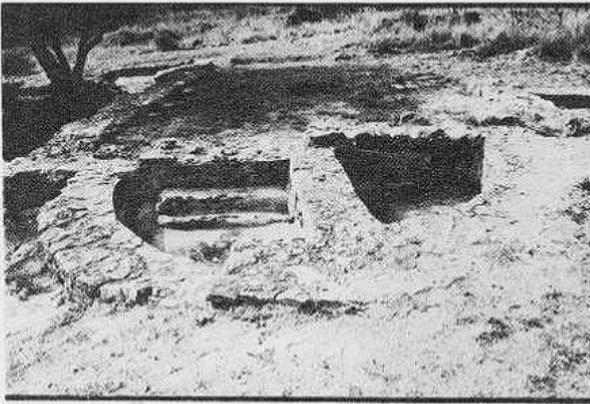
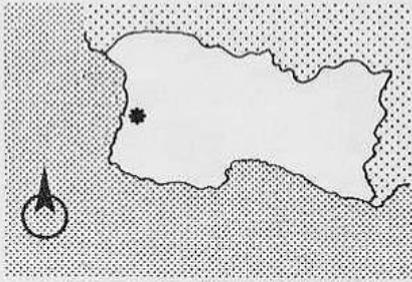
Perto da MALVEIRA DA SERRA, num local conhecido por Casal do Barril ou, mais propriamente, no sítio denominado Miroiços, encontrou José Leite de Vasconcelos (1895, 246-7) grande quantidade de tijolos, fragmentos de *imbrices* e de *tegulæ*, parte de uma mó e, inclusive, restos de uma habitação. Ainda hoje, os vestígios romanos são evidentes no local. Consta que Fausto de Figueiredo aí teria efectuado sondagens — mas, a terem-se realizado, delas não conhecemos qualquer relato.

CASAI S VELHOS

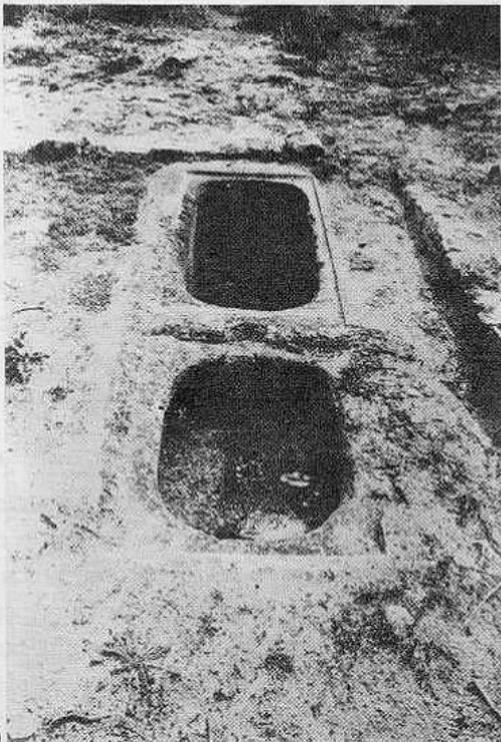
Situa-se este povoado numa colina sobranceira às dunas do Guincho, em meio dos pinhais que se estendem para norte da povoação da Areia. Já era conhecido de longa data — por isso deram ao sítio o sugestivo nome de CASAI S VELHOS.

As primeiras intervenções arqueológicas organizadas ocorreram aí, como dissemos, em 1945, orientadas por Afonso do Paço e Fausto José Amaral de Figueiredo, então presidente da Junta de Turismo. Em 1968, 1970 e 1971, D. António de Castelo Branco e Veiga Ferreira fizeram campanhas de limpeza e de consolidação.

O povoado — classificado como imóvel de interesse público (decreto n.º 29/84, de 25 de Junho) — está bem delimitado por uma muralha e ainda não foi escavado em toda a sua extensão. É visível uma porção do aqueduto que alimentava um tanque localizado sensivelmente a meio das ruínas, donde, por sua vez, saíria a água para o complexo termal sito uns metros abaixo, com pequenas banheiras semicirculares e a zona dos banhos quentes (fig. 19). Na parte superior do povoado, descobriram-se diversos compartimentos, dois deles



19



20

dotados de «cubas» com encaixe para tampa hermética (fig. 20). Este pormenor e o achamento de boa quantidade de conchas de múrex levaram os arqueólogos a pensar que os habitantes da povoação se poderiam ter dedicado à tinturaria da púrpura — válida hipótese de trabalho que necessita, porém, de ulteriores confirmações.

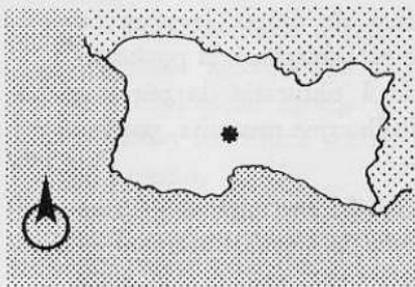
As necrópoles de inumação encontradas — uma a sudeste e outra a sudoeste da área habitacional — poderão ser um tudo-nada mais tardias. De qualquer modo, a par do espólio cerâmico e metálico — guardado no Museu do Conde de Castro Guimarães — foram achadas moedas datáveis de entre os anos 205 e 450 da nossa era (imperadores Constantino II, Constante, Teodósio, Constantino e Arcádio), o que sugere uma ocupação mais intensa exactamente nos finais do Império Romano.

O sítio é, ainda (1986), propriedade particular, prevendo-se a adopção, por parte do Município, de medidas tendentes à sua valorização e preservação.

ALTO DO CIDREIRA

Já nos finais do século passado se conheciam vestígios da presença romana neste local, donde se alcança deslumbrante panorâmica. Fica junto ao marco geodésico designado João Cidreira, à entrada, pelo sul, de Carrascal de Alvide, freguesia de Alcávideche.

Informa Francisco Paula e Oliveira (art. cit., p. 89) que as escavações por ele aqui efectuadas lhe «permitiram descobrir duas ou três casas enterradas», aí tendo recolhido, «além de outros objectos de menor valor, o fragmento de uma pedra inscrita e diversos fragmentos de mosaico romano». Contamos noutra lugar (Encarnação-Cardoso-Nolen, 1982) as peripécias por que passou, ao longo dos anos, esta *villa*. As sondagens que aí levámos a efeito em quatro pequenas campanhas — nos anos de 1977, 1980, 1981 e 1982 — levaram-nos ao reconhecimento das estruturas escavadas por Paula e Oliveira e, entretanto, soterradas de novo, as quais terão constituído, decerto, o piso térreo da casa senhorial (fig. 21), ricamente adornada de mosaicos, se atendermos à quantidade de tesselas, de várias cores, recuperadas. Aperfeiçoado sistema de canalização foi encontrado a nascente dum pátio lajeado que serviria para escoamento das águas pluviais (fig. 22) e quiçá também para abastecer os



2 1



2 2

banhos, de pequena dimensão, situados a sul. Deles restam o fundo de um tanque semicircular com seu cano de escoamento em cerâmica e uma porção do hipocausto.

Os trabalhos de escavação — que visavam tão-somente identificar as ruínas e determinar a sua importância — foram interrompidos logo que esses objectivos se consideraram atingidos, aguardando-se que o Município tenha possibilidade de se debruçar sobre o destino a dar ao «imóvel», cujo processo de classificação como imóvel de interesse público já, entretanto, foi encetado. Aliás, se as estruturas postas a descoberto não são particularmente vistosas, o espólio exumado reveste-se de algum interesse histórico: salientemos as moedas, uma das

quais de Júlia Mameia, a abundante cerâmica comum e fina, pregos, o fragmento de uma mó, lígula em osso e, sobretudo, a cabeça de negro em terracota, o separador de tear e o dado, objectos de grande valor cultural a que já atrás nos referimos.

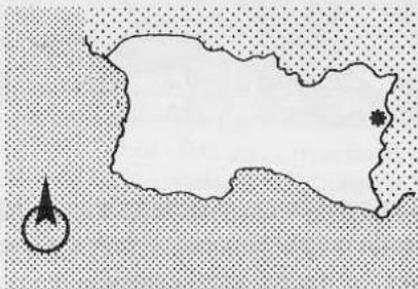
Encontra-se em estudo no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, ao cuidado da Dr.^a Maria Augusta Tavares da Rocha, o esqueleto de uma criança que lográmos exumar na sua quase totalidade. Será, decerto, mais uma preciosa achega para determinação das características das gentes que aí habitaram, desde meados do século I até, pelo menos, ao século V — conforme nos sugere a cronologia da cerâmica utilizada.

FREIRIA

É uma *villa* que se encontra no vale entre Outeiro e Polima (freguesia de S. Domingos de Rana).

À zona está ligada a lenda de Nossa Senhora da Conceição da Abóbada e foi por estas paragens que Vergílio Correia identificou, em 1912, uma sepultura romana. A tentativa de localizar agora a referida necrópole proporcionou-nos a identificação de inúmeros vestígios superficiais que denotavam a existência de importante *villa*. De facto, as sondagens que — antecipando-nos à tentacular urbanização clandestina — aí efectuámos no Verão de 1985 levaram-nos a descobertas surpreendentes, confirmadas nas sondagens de 1986 e na campanha de 1987.

Da casa senhorial, que supuséramos inteiramente destruída, identificámos a quase totalidade do peristilo com as bases das colunas da primeira ocupação ainda *in situ*, boa parte do *impluvium*

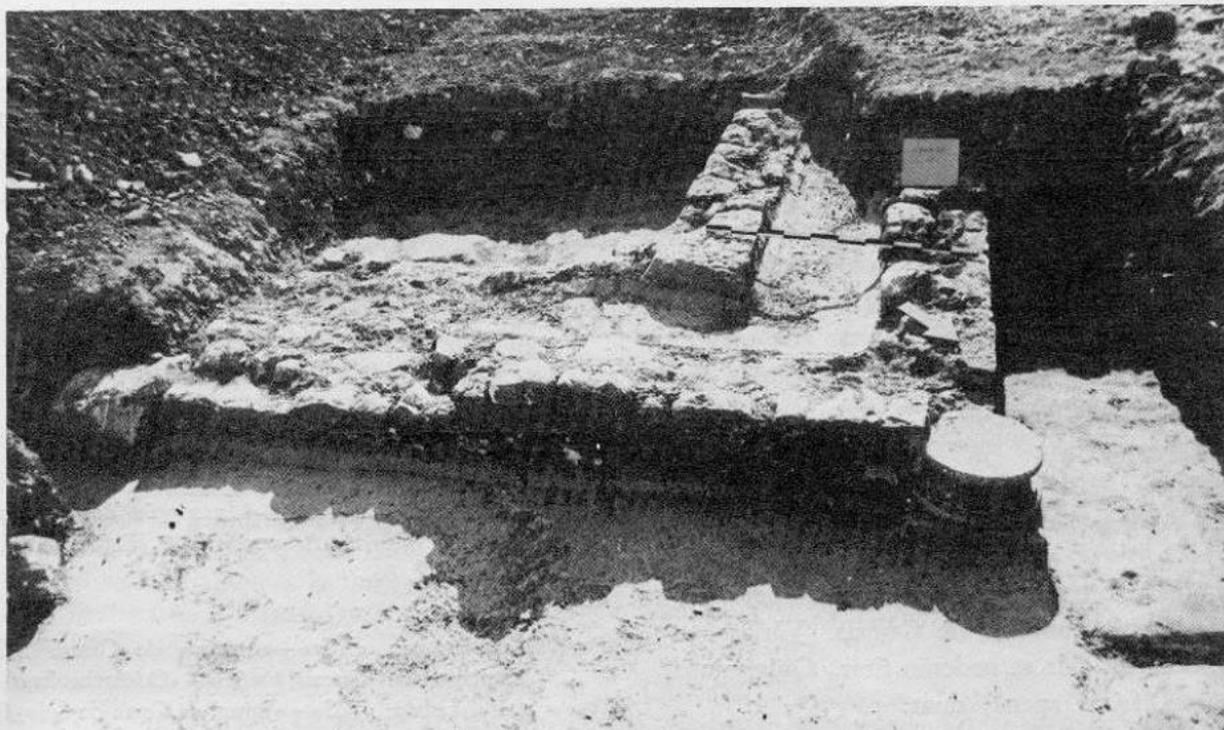


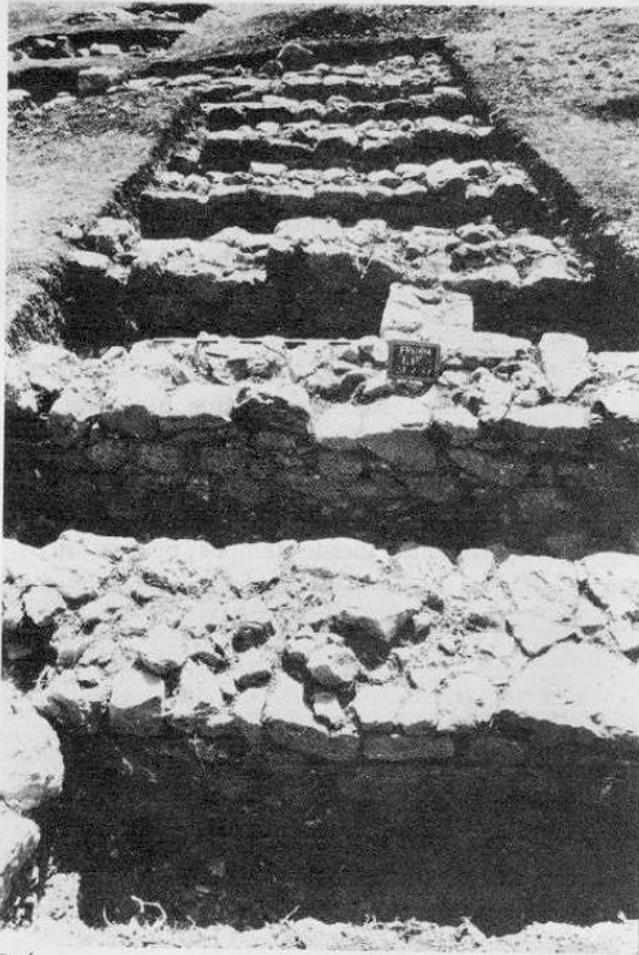
e dos tanques que adornariam o jardim interior (fig. 23). Um dos compartimentos estava pavimentado a mosaico polícromo, com desenho geométrico. Recuperámos também um fragmento de capitel, um capitel de estilo coríntio intacto (fig. 3) e um lintel decorado com hemicírculos. Toda esta área, por se situar em terra de semeadura, foi, porém, recoberta, para evitar destruições. É nossa intenção só a pôr de novo a descoberto com a colaboração de uma equipa do Museu Monográfico de Conímbriga.

A campanha de 1986 permitiu-nos identificar a zona das termas. Recordemos que junto de um dos tanques mais bem conservados, o primeiro a ser desenterrado, se encontraram inúmeros fragmentos de cerâmica campaniforme que documentam a ocupação do sítio desde tempos pré-históricos, o que, aliás, é confirmado pelo achamento, no terreno a nascente, de cerâmica datável da Idade do Ferro.

Situam-se a nascente dos banhos as estruturas de um vasto celeiro equiparável ao da *villa* romana de Monroy, perto de Cáceres (fig. 24).

No entanto, as descobertas mais surpreendentes registaram-se já no que consideramos, por enquanto, o limite sul do sítio arqueológico: em reaprovamento num muro possivelmente do século IV, encontrámos a ara à divindade Triborunis e dois fragmentos de um quadrante solar, objecto verosimilmente ligado ao culto e cuja ocorrência é particularmente rara na Arqueologia peninsular (cf. a nota a publicar por Guilherme Cardoso num dos



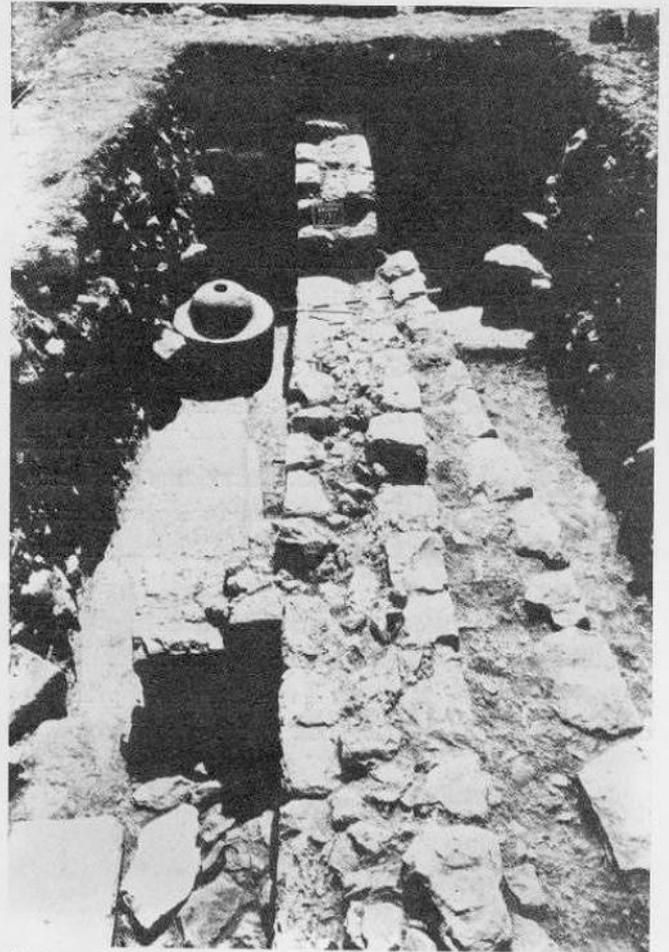


24

próximos volumes d'«O Arqueólogo Português»). Nessa área, registam-se diversos estratos arqueológicos, alguns dos quais selados por uma camada de telhas, cujo aturado estudo irá decerto proporcionar importantes conclusões. De resto, para além de objectos de uso comum, como as agulhas de osso e bronze, os alfinetes de cabelo, a lucerna com representação da deusa Vitória, o achamento das duas cabeças femininas de terracota (a que atrás nos referimos) e de uma inusitada e rude carranca de canídeo, esculpida no calcário regional, cujos paralelos estamos a procurar, é deveras significativo. A existência aí do dormente intacto de uma mó asinária (fig. 25) leva-nos a supor que estamos perante a parte da *villa* ligada à produção (a chamada *villa fructuaria*).

CONCLUSÃO

Terminámos uma breve «excursão» pelo passado romano do concelho de Cascais. Várias conclusões, decerto, dela se poderão tirar. Quiséramos, no entanto, frisar apenas duas:



25

1. Trata-se de um património que, sendo parte integrante da nossa história, a todos pertence. Por conseguinte, a todos sem excepção compete zelar corajosamente pela sua preservação.

2. Falámos de pequenos objectos, de muros arruinados, de cacos partidos, de moedas comidas pelo verdete... — coisas insignificantes, enfim, para o homem comum. É com tais «insignificâncias», porém, que, através do estudo, miudamente, se entretece uma história milenar.

Desenhos de *Severino Rodrigues*
Fotos de *Guilherme Cardoso*

BIBLIOGRAFIA ¹

FIGUEIREDO, Borges de — *Inscrição dos arredores de Cascais*, «Revista Arqueológica e Histórica», III, Lisboa, 1889, 86.

¹ Abreviaturas: «ACs» — «Arquivo de Cascais», Câmara Municipal de Cascais; «AP» — «O Archeologo Português», Lisboa; «JCS» — «Jornal da Costa do Sol», Cascais.

- OLIVEIRA, Francisco de Paula e — *Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascais*. «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos», II, Lisboa, 1888-92, 85-92.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Antigualbas das proximidades de Lisboa*. «AP», I, 1895, 246-249.
- CORREIA, Vergílio — *Uma Sepultura Romana nos Arredores de Oeiras*. «AP», XVIII, 1913, 93-95.
- PEREIRA, Félix Alves — *Antiquitus - II, III, IV*. «AP», XXI, 1916, 200-210.
- VASCONCELLOS, J. Leite de — *Coisas velhas*. «AP», XXII, 1917, 140-141.
- PEREIRA, F. Alves — *A antiguidade no Concelho de Cascais* (Resenha dos trabalhos realizados em 1915 e 1917). «A Nossa Terra», Cascais, Novembro de 1917.
- PEREIRA, Félix Alves — *Antiquitus - XVI, XVIII*. «AP», XXIII, 1918, 50-70.
- PEREIRA, F. Alves — *Algumas inscrições romanas das vizinhanças de Cascais*. «Revista de Arqueologia», II, Lisboa, 1934, 47-49.
- PAÇO, Afonso do e FIGUEIREDO, Fausto J. A. de — *Esboço Arqueológico do Concelho de Cascais*. «Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães», 1, Cascais, 1943, 9-27.
- FIGUEIREDO, Dr. Fausto José do Amaral e PAÇO, Capitão Afonso do — *Vestígios Romanos dos Casais Velhos* (Areia - Cascais - Portugal), separata do «I Congresso Nacional de Arqueologia e V Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol», Almeria, Abril de 1949. Junta de Turismo de Cascais, 1949. Almeria, 1950.
- CAPEANS, Rosa — *Duas campas lusitano-romanas de Caparide* (Cascais). «AP», XXX, 1956, 210-216.
- ALMEIDA, Justino Mendes e FERREIRA, Fernando Bandeira — *Vária epigraphica*. «Revista de Guimarães», LXXVII, Guimarães, 1967, 60-61.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Sensacional Descoberta Arqueológica*. «JCS», 23-XI-1968.
- ENCARNAÇÃO, José Manuel dos Santos — *Notas sobre alguns vestígios romanos no concelho de Cascais*. Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril, 1968.
- ROCHA, M. Augusta de Almeida T. da — *Características de uma população romana (?) de Cascais*, Coimbra, 1970 (separata de «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», VIII, 4.º).
- ENCARNAÇÃO, José d' — *A campanha de escavações nos Casais Velhos*. «JCS», 4-9-71.
- CASTELO BRANCO, D. António de e FERREIRA, O. da Veiga — *Novos Trabalhos na Estação Lusitano-Romana da Areia (Guincho)*. «Boletim do Museu do Conde de Castro Guimarães», 2, Cascais, 1971, 69-83.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Inscrições Romanas de Cascais*. «Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães», 2, Cascais, 1971, 89-112.
- CASTELO BRANCO, D. António; FERREIRA, O. da Veiga; CARDOSO, Guilherme — *Descoberta de uma mini-máscara de «Terra Cota» na estação lusitano-romana do Alto da Cidreira (Cascais)*. «Estudos Italianos em Portugal», n.º 33-35, Lisboa, 1970-72, 101-104.
- FERREIRA, O. da Veiga — *Notícias de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.ª parte)*. «Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa», II série, LXXIX-LXXX, Lisboa, 1973/1974, 17.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Aracus Aranius Niceus, Uma Divindade Indígena Venerada em Manique de Baixo (Alcabideche)*. «Actas das II Jornadas Arqueológicas», II, Lisboa, 1974, 195-204.
- AMORIM, Roby — *Necrópole paleocristã descoberta em Talaíde*. «O Século», Lisboa, 7-6-75.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Momento decisivo para a cultura do concelho — Prosseguem as escavações no cemitério romano de Talaíde*. «JCS», 16-8-75.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975, 92-97.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Inscrição Latina de Alcoitão «Setúbal Arqueológica»*, II-III, Setúbal, 471-475
- A arqueologia do concelho de Cascais*. «JCS», 24-5-75.
- Monumentos Romanos Entram no Museu de Cascais*. «JCS», 11-7-79.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Alto da Cidreira*. «Informação Arqueológica», I, Braga, 1979, 30-31.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Casais Velhos — Uma Estação Romana ao Abandono*, «JCS», 20-2-80.
- AZEVEDO, Mário de — *A poucos quilómetros de Lisboa — Sepultura Antiga Serve para Assar Sardinhas*. «A Capital», Lisboa, 10-5-80.
- Escavações Arqueológicas no Alto da Cidreira (Alvide) - Cascais*. «JCS», 17-9-80.
- Alto da Cidreira — O mais importante vestígio da ocupação romana no concelho de Cascais*. «JCS», 15-10-80.
- Câmara acciona medidas para preservação de zona arqueológica*. «A Tarde», Lisboa, 4-9-81.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Sondagens arqueológicas no Alto da Cidreira: a juventude marcou presença*. «JCS», 24-9-81.
- ENCARNAÇÃO, José d'; CARDOSO, Guilherme — *Caparide ao Tempo dos Romanos — Uma inscrição inédita*. «ACs», 3, 1981-82; 87-95.
- ENCARNAÇÃO, José d'; CARDOSO, Guilherme; NOLEN, Jeannette U. Smit — *A Villa Romana do Alto da Cidreira em Cascais*. «ACs», 4, 1982, 9-27.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica de Alcabideche*. «JCS», 17-2-1982.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica da região noroeste do Concelho de Cascais*. «JCS», 27-5-1982.

- Descoberta uma lápide romana e um sarcófago de grés.* «JCS», 10-6-1982.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica de Tirs-*. «JCS», 2-9-1982.
- Escavações Arqueológicas no Alto da Cidreira, Alvide.* «JCS», 30-9-1982.
- Descoberta de grande valor arqueológico em Talaíde.* «JCS», 3-2-1983.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica de Murches.* «JCS», 28-4-1983
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Acerca da ara descoberta em Talaíde.* «JCS», 28-4-1983.
- Um santuário romano em Talaíde.* «JCS», 12-5-1983.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica da região de Manique de Baixo.* «JCS», 21-7-1983.
- OREY, Francisco d' — *Carcavelos, um pouco da sua história.* «A Linha em Notícia», 3, Cascais, 9-1983.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Ara Votiva de Cascais (C. Scallabitanus).* «Ficheiro Epigráfico», 6, Coimbra, 1983, n.º 24.
- ALVAR, Jaime — *Un Posible Testimonio de Culto a Cibeles en Cascais (Portugal).* «Archivo Español de Arqueología», 56, 1983, 123-130.
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' — *Alto do Cidreira.* «Informação Arqueológica», 3, Lisboa, 1983, 39-40.
- CARDOSO, Guilherme — *Rescaldo das Cheias - Observações Arqueológicas, II.* «JCS», 12-4-1984.
- CARDOSO, Guilherme — *Carta Arqueológica de São Domingos de Rana.* «JCS», 27-9-1984.
- CARDOSO, Guilherme — *Manique - Descobertas antigas sepulturas em Miroiço.* «JCS», 8-11-84.
- ENCARNAÇÃO, José d' e CARDOSO, Guilherme — *Alto do Cidreira.* «Informação Arqueológica», 4, Lisboa, 1984, 64-66.
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO José d' — *Subsídios para a carta Arqueológica do Concelho de Cascais.* «ACs», 5, 1984, 23-30.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Há quase 2000 anos! A deusa oriental Cibele foi adorada em Talaíde.* «JCS», 3-1-1985.
- Outeiro de Polima — sondagens arqueológicas no Casal da Freiria.* «JCS», 29-8-85.
- Ruínas arqueológicas em Casal Freiria.* «Boletim da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana», 30-8-85.
- Altar do século I posto à luz do dia em S. Domingos de Rana.* «O Diário», Lisboa, 30-8-85.
- «Divindade» descoberta em Cascais.* «A Tarde», n.º 826, II série, Lisboa, 30-8-85.
- Ara descoberta em Casal Freiria.* «Diário de Notícias», Lisboa, 31-8-85.
- Em Alcabideche — obras na igreja descobrem monumento funerário romano.* «JCS», 12-9-85.
- Em Freiria: sondagens arqueológicas dão importantes resultados.* «JCS», 12-9-85.
- PAST, Manuel — *Pararam escavações para lavar o... solo.* «A Zona», n.º 16, Cascais, 13-9-85.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Ara Votiva a Triborunnis (Conventus Scallabitanus).* «Ficheiro Epigráfico», 14, Coimbra, 1985, n.º 59.
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' — *Cupa de Alcabideche (Conventus Scallabitanus).* «Ficheiro Epigráfico», 15, Coimbra, 1985, n.º 68.
- ENCARNAÇÃO, José d' e CARDOSO, Guilherme — *Villa Romana do Alto do Cidreira — 1982.* «Informação Arqueológica», 5, Lisboa, 1985, 82-83.
- ENCARNAÇÃO, José d' — *Omissão dos teónimos em inscrições votivas.* «Veleia» (Vitória), 2-3, 1985-1986, 305-310.
- AGRIA, Rui — *Grande senhor romano de Cascais tinha um lindo capitel em casa.* «O Século», 12-8-1986, p. 11.
- B., J. H. H. — *Ruins of roman villa reveal wealth of country living.* «The Anglo-Portuguese News», 25-9-1986, p. 21.
- Importante achado arqueológico em Freiria: carranca mostra luxo de «villa» romana.* «A Capital», 29-7-1987, p. 25.
- Escavações em Freiria põem carranca à vista.* «Correio da Manhã», 30-7-1987, p. 9.
- FABIÃO, Carlos — *100 anos de investigação arqueológica no concelho de Cascais.* «ACs», n.º 6, 1987, 41-58 (p. 51).
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' — *A villa romana de Freiria, desdobrável* (Cascais, Julho 1987).
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' — *O povoado romano dos Casais Velhos, desdobrável* (Cascais, Dezembro 1987).
- CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' — *A villa romana do Alto do Cidreira, desdobrável* (Cascais, Abril 1988).